

As explosões de Oliver: o transcorpo e a reconfiguração subversiva de sentidos¹

Mariana Somariva²

Nísia Martins do Rosário³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este trabalho busca encontrar pontos de intersecção entre a Semiótica da Cultura, o conceito de corporalidades e problemáticas de gênero para identificar reconfigurações de sentidos provocadas pelas transformações corporais de Oliver, um homem transexual. Analisaram-se fotos, vídeos e relatos do próprio Oliver acerca de seu processo de transexualização, divulgados em seu blog na internet. Foi possível identificar a existência de reconfigurações de sentidos e de explosões na trajetória Oliver, de acordo com as concepções formuladas pelo semioticista Iúri Lótman. De maneira análoga, à luz dos estudos de gênero propostos pela filósofa Judith Butler, foram observadas ressignificações subversivas materializadas corporalmente por Oliver. Ademais, os indicativos presentes no *corpus* levaram à possibilidade de sugerir uma definição de “transcorpo”.

Palavras-chave: Semiótica da Cultura; corporalidades; gênero; explosão; transcorpo

Introdução

A partir de uma perspectiva interdisciplinar, verifica-se a possibilidade de articular a Semiótica da Cultura, algumas problemáticas de gênero e o conceito de corporalidades em torno de um objeto de estudo comum: o processo de transexualização e as reconfigurações de sentido que dele decorrem.

Para empreender esse estudo, então, buscou-se encontrar pontos de consonância entre tais perspectivas do conhecimento e problematizá-los com vistas a enumerar rupturas de sentido e compreender de que forma estas se materializam em um indivíduo transexual.

A Semiótica da Cultura, em especial, fornece uma teorização bastante significativa para a investigação acerca das reconfigurações de sentidos. Como disciplina que estuda códigos e sistemas semióticos culturais, evidencia também os mecanismos de geração e de transformação de sentidos, através das mais diversas semioses presentes na cultura. Mais

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da FABICO-UFRGS, email: marianasomariva@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora e pesquisadora do PPG em Comunicação e Informação e do curso de Comunicação Social da UFRGS. Doutora em Comunicação Social (PUC/RS). Bolsista PQ/CNPq. E-mail: nisia@corporalidades.com.br.

especificamente, neste trabalho, exploram-se as conceituações do semioticista russo Iúri Lótman relativas às reconfigurações de sentido e à noção de explosão.

Já os estudos de gênero são referenciados aqui por meio das contribuições da filósofa estadunidense Judith Butler. Suas investigações configuram um aporte expressivo para o feminismo, para os estudos de gênero e para o questionamento dos padrões culturais de demarcação de sexo/gênero/desejo. Butler também sugere um caminho possível para a subversão desses padrões compulsórios através de “atos corporais subversivos” que dialogam com a ideia de reconfiguração de sentidos.

Sob esses parâmetros, escolheu-se problematizar a transexualização vivida por Oliver Mastalerz, um polonês de 22 anos que criou um blog⁴ na internet para documentar e divulgar sua transformação. Como objeto empírico, usa-se o conteúdo divulgado no blog de Oliver. Através de relatos, fotos e vídeos ele detalha suas mudanças, que incluem algumas cirurgias de redesignação sexual e terapia hormonal à base de testosterona.

O estudo do objeto empírico deste trabalho remete quase que constantemente à investigação do corpo, já que é nele que se manifestam as significações e ressignificações. Assim, dialoga-se com o conceito de corporalidades, que abrange as reflexões acerca das virtualidades e das atualizações dos corpos – em nosso caso, a transexualização de Oliver.

Num segundo momento, verificou-se a possibilidade de sugerir, aqui, um termo capaz de agregar a dimensão corporal e a da transexualidade. Nesse sentido, entende-se que Oliver possa representar um “transcorpo” – um corpo modificado a partir da experimentação do fenômeno da transexualidade. Propõe-se, então, que é justamente na passagem do corpo para esse transcorpo que se concretizam as reconfigurações de sentido, as explosões e, ainda, os atos corporais subversivos.

Semiótica da Cultura, explosões e reconfigurações de sentidos

Para refletir acerca do conceito de explosão e seus desdobramentos no âmbito do objeto de estudo deste trabalho, é preciso retomar, antes, alguns aspectos básicos da Semiótica da Cultura (SC). Tais aspectos fazem parte de um campo conceitual bastante vasto, desenvolvido, a partir de meados do século XX, pelos semioticistas da Escola de Tártu-Moscou (dentre os quais se inclui Iúri Lótman). Aqui, procura-se desenvolver, de

⁴ <http://loadingoliver.tumblr.com>. Trata-se de um *tumblr* em que Oliver responde a perguntas, conta detalhes de suas cirurgias e fala também sobre seus gostos, relacionamentos e aspirações.

maneira breve, apenas aqueles conceitos cuja explicação se faz necessária para um melhor entendimento da noção de explosão.

Um dos conceitos basilares para a SC é o de “texto”. Segundo Lótman (1999), o texto é um espaço semiótico que contém sistemas de signos que interagem, interferem uns nos outros e conjugam-se numa determinada hierarquia. Machado (2003) reuniu elementos do campo conceitual introduzido pelos pensadores da Escola de Tártu-Moscou e, dentre eles, está o de texto: “é um complexo dispositivo que guarda variados códigos, capazes de transformar as mensagens recebidas e de gerar novas mensagens” (MACHADO, 2003, p.169). Como unidade básica da investigação da SC, a ideia de texto pode ser empregada aos mecanismos portadores de sentido, como, por exemplo, uma obra de arte, uma cerimônia, um ritual ou mesmo o corpo humano.

Os “sistemas modelizantes” são sistemas de signos definidos por uma estruturalidade tal que gera um modelo. Podem ser entendidos como “sistemas de signos, como conjunto de regras (códigos, instruções, programas) para a produção de textos no sentido semiótico amplo e como totalidade de textos e suas funções correlatas” (MACHADO, 2003, p.167). A SC define dois tipos de sistemas modelizantes. O sistema modelizante de primeiro grau é aquele constituído pela língua natural. Os de segundo grau são sistemas não linguísticos, mas que possuem linguagem; “nesse sentido, todos os sistemas semióticos da cultura são sistemas modelizantes de segundo grau, porque mantêm correlações com a língua, constituem linguagem, mas não são dotados de propriedades lingüísticas do sistema verbal” (RAMOS *et al*, 2007, p.29). Isto é, são sistemas que, baseados na estrutura da língua natural, emergem com diferentes combinações de signos, formando, assim, diferentes modelos culturais – como é o caso da arte, da religião, da literatura, do mito, da mídia, entre outros.

Ao analisar os processos que constituem a comunicação em espaços da cultura, Lótman desenvolveu o conceito de “semiosfera”, tendo como base a teoria da biosfera atribuída ao biólogo V. I. Vernádski. A semiosfera é definida como o espaço de produção da semiose na cultura. É um ambiente no qual “diversas formações semióticas se encontram imersas em diálogo constante, um espaço-tempo cuja existência antecede tais formações e viabiliza o seu funcionamento, enquanto torna possível o seu próprio ciclo vital” (RAMOS *et al*, 2007, p.34). Machado (2003) lembra ainda que a semiosfera é, por excelência, o espaço em que ocorre a comunicação, de maneira que fora deste ambiente é impossível haver linguagem ou semiose.

É a semiosfera, portanto, o espaço-tempo que abriga os múltiplos sistemas modelizantes existentes, que, por sua vez, são constituídos de textos e infinitas combinações de códigos. Estes elementos que ocupam a semiosfera estão delimitados uns em relação aos outros por fronteiras. Entretanto, as fronteiras não são barreiras necessariamente intransponíveis; ao contrário, são zonas de “liminaridade e espaço de trânsito, de fluidez, de contato entre sistemas semióticos” (MACHADO, 2003, p.159). Isto significa que os elementos dos sistemas semióticos fronteiraços estão tanto separados como unidos uns aos outros – e é este o espaço que permite os tensionamentos (processos relacionais) entre os diferentes sistemas.

Deste tensionamento surge um processo de “tradução”, que estimula trocas entre os sistemas modelizantes e produz reconfigurações de sentidos. Por outro lado, surgem também espaços de intraduzibilidade, em que as interações entre os sistemas são prejudicadas:

O espaço semiótico aparece como uma intersecção em vários níveis de diversos textos, que unidos vão formar um determinado estrato, com complexas correlações internas, diferentes graus de traduzibilidade e espaços de intraduzibilidade (LÓTMAN, 1999, p. 41. Tradução nossa).

No entanto, esse lugar da intraduzibilidade não é visto por Lótman de maneira negativa – precisamente porque são esses espaços aqueles capazes de gerarem “a tradução do intraduzível”, o que, para o autor, possui valor elevado. Por esse viés, é possível vislumbrar nos textos construídos por Oliver, em seu blog, momentos de reconfiguração de códigos e tradução intrincada.

Para Lótman (1999), a “explosão” se caracteriza no momento em que ocorre grande imprevisibilidade no sistema semiótico, através da interrupção e/ou rompimento nas semioses em vários níveis e sob diferentes ritmos e intensidades – o que leva à desestabilização e ao aparecimento do novo. “[...] a continuidade é uma previsibilidade implícita. Seu contrário é a imprevisibilidade, a mudança realizada nas modalidades da explosão” (LÓTMAN, 1999, p.19). Para o autor, é no terreno da imprevisibilidade que surge a novidade. O “previsível” é, então, um movimento significativamente menos importante do que os processos imprevisíveis, porque esses últimos permitem a irrupção da novidade, do inesperado, dos novos textos da cultura:

[A explosão causa] rupturas nos modos de decodificação da linguagem e obriga a uma nova fase: de resignificação e de reorganização dos códigos. [Para Lótman], a explosão carrega a noção de transgressão possível, de comportamento atípico, é o momento em que o sentido tensiona a previsibilidade, irrompe na criação de algo que não estava determinado. (ROSÁRIO, 2014, p. 176).

A partir da SC, é essencialmente acerca dos conceitos de explosão e de reconfiguração de sentidos que se desenvolve parte da investigação presente neste trabalho. Desenvolveremos, mais adiante, a ideia de que Oliver interage com esses conceitos ao materializá-los quando de sua transformação corporal.

Problemáticas de gênero

O feminismo, campo teórico que contribuiu para impulsionar os estudos de gênero, era, até a década de 1980, fortemente arraigado à oposição sexo/gênero. Segundo tal concepção, o sexo é tido como aquilo que diz respeito ao natural, definido biologicamente, e o gênero é definido a partir de uma construção social que determina condutas pré-estabelecidas para homens e mulheres. Esse argumento foi usado pelo feminismo para contestar as características que eram tidas como “naturalmente” femininas, na tentativa de desconstruir as imposições sociais dos papéis atribuídos à mulher, como os de mãe, esposa, submissa, frágil etc.

Entretanto, a partir da década de 1990, surgem rupturas nos conceitos da teoria feminista clássica. Segundo Jesus (2013) o próprio feminismo não é uma corrente teórica única, de forma que se modificou ao longo do tempo e deu origem a diversas teorizações. Essas mudanças remetem com grande frequência aos estudos da filósofa Judith Butler relativos ao seu questionamento das demarcações de sexo/gênero e do sistema binário compulsório que regula as categorias de sexo, gênero e sexualidade.

Mais especificamente, esses questionamentos de Butler referem-se à crítica da “metafísica da substância”, mecanismo que tem suas raízes nas concepções humanistas do sujeito e que influenciaram a teoria feminista. Para a autora, se o sexo é natural e o gênero é construído socialmente, então também o gênero seria determinado previamente, estando sujeito às normas culturais dominantes:

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p.26).

A filósofa desafia essa ordem compulsória defendendo que o gênero é, na verdade, um artifício flutuante, um fenômeno relacional, inconstante e contextual. Assim sendo, não

só afasta a possibilidade determinista na configuração do gênero como sugere que ele pode funcionar como um artifício cambiante, que depende do arbítrio de cada sujeito.

De forma mais radical, Butler questiona o próprio caráter imutável do sexo ao sugerir que “talvez o próprio construto chamado ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção [entre ambos] revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2003, p. 25). Provavelmente seja essa a argumentação mais incisiva da autora no sentido de romper completamente com a metafísica da substância. O sexo é compreendido, portanto, não mais como uma verdade interior das predisposições e da identidade.

Tal como se impõe a metafísica da substância, no entanto, o indivíduo está condicionado à passividade. Seu corpo passa a ser um instrumento para a manifestação de um “gênero inteligível” – concebido pela autora como sendo aquele gênero que “mantém relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2003, p.38). Essa coerência deve obedecer aos padrões binário e de identidade heteronormativa que prevalecem na matriz cultural vigente na sociedade. Assim, as identidades de gênero “não-inteligíveis” – aquelas que abrigam descontinuidades e incoerências, materializadas na não-correlação entre sexo/gênero/desejo – são continuamente proibidas. Em outras palavras, o indivíduo que não necessariamente considera que seu gênero deva decorrer do seu sexo biológico, nem seu desejo sexual deva decorrer obrigatoriamente de seu sexo ou gênero é suprimido por regimes hegemônicos de poder:

A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e o gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista. (BUTLER, 2003, p.59).

Butler também tece considerações a respeito do corpo. Segundo ela, a matriz cultural hegemônica constrói contornos corporais estáveis e que devem permanecer impermeáveis. Isto significa que um corpo dotado de impermeabilidade jamais ultrapassa os limites das fronteiras socialmente impostas. No lado oposto, o corpo permeável – o homossexual, por exemplo, por não seguir a “coerência” de sexo/gênero/desejo – representa uma ameaça à ordem dominante.

Dáí o interesse da autora pela problematização dessa permeabilidade corporal, o que leva à compreensão do corpo como um conjunto de fronteiras variáveis, como uma

superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada – ao contrário de ser uma superfície passiva subordinada à significação externa. (BUTLER, 2003)

Mas a filósofa vai além: sua proposta é a de desconstruir e dar novo sentido às categorias fundantes de sexo/gênero/desejo que limitam, segregam e reprimem aqueles sujeitos cuja identidade não está conforme com o padrão compulsório. Para tanto, ela propõe a prática do que chama de “atos corporais subversivos”, baseados em práticas parodísticas. Esses atos corresponderiam à adoção, pelo sujeito, de elementos que ocasionariam a ruptura com o padrão através da “ressignificação subversiva”. Seriam maneiras de o sujeito, através do corpo, mostrar ou produzir sua própria significação cultural. O resultado seria o aparecimento de corpos fluidos, dinâmicos e instáveis, dotados de uma multiplicidade de identidades de gênero e de sexualidades. Sua intenção é a de

refletir a possibilidade de subverter e deslocar as noções naturalizadas e reificadas do gênero que dão suporte à hegemonia masculina e heterossexista, para criar problemas de gênero não por meio de estratégias que representem um além utópico, mas da mobilização, da confusão e da proliferação subversiva precisamente daquelas categorias constitutivas que buscam manter o gênero em seu lugar, a posar como ilusões fundadoras da identidade. (BUTLER, 2003, p. 60)

Butler pontua que esses atos são performativos, ou seja, são fruto da ação deliberada por parte do sujeito de produzir signos que evidenciem que nem o sexo, nem o gênero nem a sexualidade provêm de uma essência natural do ser.

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem um *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. (BUTLER, 2003, p.194, grifo da autora).

Em decorrência do exposto, para a filósofa, a verdade interna do gênero é uma fabricação, e o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita deliberadamente pelas pessoas sobre a superfície de seus corpos. Vem daí seu entendimento de que os gêneros não são verdadeiros nem falsos, já que são apenas construídos. De fato, para Butler, o gênero é visto como um efeito, uma expressão fabricada a partir do discurso hegemônico.

A autora também atenta para a possibilidade de mudanças políticas que decorreriam dessa busca pela resignificação das identidades de gênero:

Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de um conjunto de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga. (BUTLER, 2003, p.213).

Ao preconizar os atos corporais subversivos, Butler, no entanto, não especifica exatamente quais seriam esses atos e de que forma eles se materializariam no sujeito. Ao invés disso, ela estimula a reflexão através de perguntas:

“Que *performance* [...] obrigará a repensar radicalmente as pressuposições psicológicas da identidade de gênero e da sexualidade? Que *performance* obrigará a reconsiderar o lugar e a estabilidade do masculino e do feminino? E que tipo de *performance* de gênero representará e revelará o caráter performativo do próprio gênero, de modo a desestabilizar as categorias naturalizadas de identidade e desejo?” (BUTLER, 2003, p.198).

Como talvez fosse do interesse da própria autora, seus questionamentos conduzem à reflexão e dão margem a diversas interpretações. Sugere-se, então, que o processo de transexualização vivido por Oliver pode vir a representar atos corporais subversivos nos termos definidos por Butler. É o que será debatido com mais detalhes no tópico a seguir.

Oliver, as corporalidades e as reconfigurações subversivas de sentidos

De acordo com Rosário (2013), o corpo pode ser compreendido como um dispositivo capaz de organizar um percurso multifacetado de significações. Assim sendo, possui intenso potencial para produzir semioses ilimitadas. As corporalidades, por sua vez,

são um domínio teórico-metodológico que permite fazer avançar as reflexões acerca das virtualidades e das atualizações dos corpos; são uma dimensão em que se pode desenvolver abordagens teóricas sobre o corpo e propor estudos empíricos sobre ele. Constitui-se num ambiente propício ao alargamento das problematizações e das perspectivas investigativas que dizem respeito ao corpo, encontrando respaldo para estabelecer seus princípios e incrementar suas aplicações, entender seu funcionamento. (ROSÁRIO, 2014, p.168)

Sob tais perspectivas, busca-se compreender as rupturas de sentido causadas pelas transformações corporais de Oliver a partir do entendimento deste sujeito enquanto corpo e, conseqüentemente, enquanto dispositivo gerador de sentidos.

Na articulação interdisciplinar entre as corporalidades, a SC e os estudos de gênero de Judith Butler aqui mencionados, é possível encontrar aspectos de consonância significativos, que, por sua vez, podem ser relacionados ao processo de transexualização vivido por Oliver. É importante destacar que, embora Lótman tenha suas origens no estruturalismo e Butler siga pelo viés pós-estruturalista, os autores se tangenciam em alguns pontos que se mostraram bastante caros à pesquisa realizada neste trabalho.

A metodologia utilizada para o estudo do blog de Oliver é de natureza analítica, centrando-se nos processos de observação e de interpretação do objeto empírico, que fornece fotos, vídeos e relatos minuciosos sobre o processo de ressignificação individual de Oliver. A partir desse *corpus*, foi possível identificar reconfigurações subversivas de sentido e explosões no âmbito físico.

Primeiramente, observa-se que o corpo, enquanto gerador de semioses, pode tanto manter o que está estabelecido como norma – através das regularidades –, quanto promover cisões e rearticulações de significados – o que ocorre na perspectiva das imprevisibilidades propostas pela SC. Além disso, é possível partir do princípio de que as corporalidades interagem com os sistemas modelizantes de segundo grau – aqueles dotados de linguagens culturais –, e podem ser problematizadas considerando textos corporais. (ROSÁRIO, 2014).

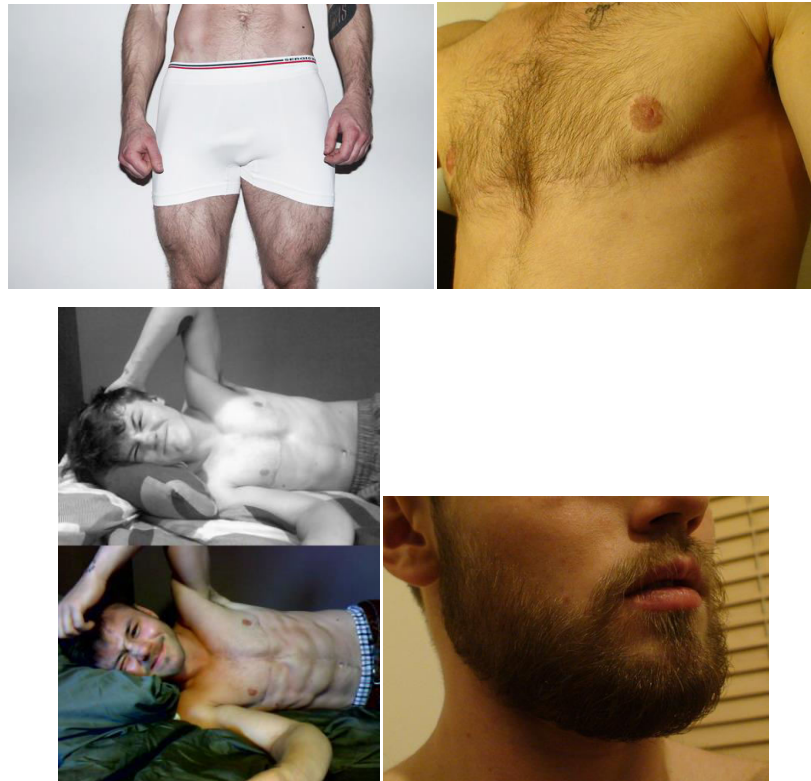
Nesse sentido, Oliver é compreendido aqui como um texto corporal dotado de inúmeras significações. Esse texto corporal é midiaticizado de diversos modos e em incontáveis momentos, através de fotos, relatos, descrições e vídeos publicados no blog. Nos parâmetros da SC, o conjunto dessas publicações pode ser compreendido como um outro texto – o blog, que configura o objeto de estudo deste trabalho.

No processo das semioses que concretizaram suas transformações corporais, Oliver passou, necessariamente, por tensionamentos, que conduziram a reconfigurações de sentidos. Mais ainda, é possível dizer que Oliver provocou explosões em seu corpo, já que tais transformações ocorreram na condição da imprevisibilidade e resultaram na irrupção do novo. A imprevisibilidade, aqui, diz respeito ao fato de ter sido impossível antever os resultados finais da transformação no corpo de Oliver, ainda que ele tenha dado início a esse processo deliberadamente e que possa ter imaginado quais seriam os resultados. Além disso, as condições de tensionamento foram tão intensas que provocaram a irrupção de um sentido completamente novo para esse texto corporal: de mulher para homem, ou, ainda, evitando classificações de gênero, de um corpo para um transcorpo.

Alguns exemplos dessas explosões são a cirurgia para a retirada das mamas, o crescimento de pelos e barba, o alargamento dos maxilares e a cirurgia de metoidioplastia (criação de um pênis a partir do crescimento do clitóris pelo uso da testosterona e no implante de testículos) a que Oliver se submeteu e documentou em seu blog. As fotos a seguir mostram algumas dessas transformações/explosões:



Imagem 1: Série de fotografias para documento de identidade de Oliver



Imagens 2, 3, 4 e 5: Transformações corporais em Oliver

Para além das explosões observadas aos olhos da SC, de maneira análoga, é possível verificar sob a ótica de Judith Butler algumas ressignificações subversivas materializadas corporalmente por Oliver.

Ao transformar o órgão sexual com o qual nasceu, a vagina, em um órgão que se aproxima daquilo que se denomina pênis, Oliver subverteu seu sexo (ainda que não o tenha transformado completamente). Sem dúvida, ele ressignificou o caráter natural e imutável do sexo - e isso, para Butler, configura um ato corporal subversivo.

Houve também uma subversão de desejo/sexualidade: mesmo mantendo as características culturalmente normatizadas como masculinas, Oliver relata que, justamente após sua transexualização, passou a sentir atração por homens e mulheres. Antes de

começar sua terapia hormonal, ele se interessava somente por mulheres. O relevante aqui é observar a subversão da coerência compulsória entre sexo/gênero/desejo: um indivíduo que possua o órgão sexual masculino e se identifique com o gênero masculino não necessariamente expressa sua sexualidade através de prática sexual com mulheres. Aqui, Oliver pode ser compreendido, na definição de Butler, como um corpo permeável, pois rompe a heterossexualidade compulsória.

No entanto, nessa mesma perspectiva de Butler, é possível pensar que o texto corporal construído por Oliver não tenha alcançado totalmente o conceito de ato corporal subversivo no que tange ao gênero, tendo em vista que sua reterritorialização de sentidos manteve a estrutura binária de gênero – de mulher para homem. Ele transformou seu corpo com vistas a manter as características culturalmente atribuídas ao “gênero masculino”, ou seja, reterritorializou sentidos de acordo com os códigos do sistema vigente para o masculino. Por outro lado, ao transitar de um gênero para o outro, ele expõe a incongruência contida na crença determinista de que o gênero é tão fixo quanto o sexo biológico.

Pode-se verificar, também, a ideia de reconfiguração subversiva de sentidos no fato de Oliver ter criado um blog para divulgar com detalhes suas transformações. Quando Butler se refere à prática de *performances*, abarca também a ideia de ações subversivas capazes de fazer com que se repense radicalmente as pressuposições da identidade de gênero e da sexualidade. Ao relatar sem pudores sua transexualização e divulgá-la na internet, pode-se inferir que Oliver provavelmente tenha contribuído para que tais pressuposições fossem repensadas/problematizadas/debatidas por algumas pessoas.

Considerações Finais

Todas as transformações concretizadas em Oliver expõem, de uma forma ou de outra, evidentes rupturas de sentidos, que aconteceram no âmbito de grandes explosões, irrupções do novo e de permeabilidades corporais que desafiam a ordem compulsória dos códigos culturais dominantes. Nas semioses que representam a passagem do corpo para esse transcorpo, os textos involucrados tensionaram-se e ressignificaram-se, dando origem a novos textos.

Verifica-se em Oliver um corpo em processo intenso de transformação provocando desterritorializações de sentidos. Os códigos culturais de gênero, inevitavelmente, precisam

se reorganizar para produzir semioses sobre Oliver quando se tem acesso ao eixo diacrônico que o constitui, ou seja, quando se conhece a sua história de vida. Ele constrói um corpo que produz movimentos nos sistemas semióticos, um corpo que subverte os sistemas de sexo/gênero/desejo e que expressa, ao mesmo tempo, imprevisibilidades, descontinuidades e reterritorializações de sentidos. Para entender as semioses de Oliver como um transcorpo é preciso refletir sobre o deslocamento que ele faz através de si mesmo, modificando camadas do físico, retirando algumas e expandindo outras. É necessário, também, compreender os processos de troca que ele estabelece no âmbito sócio-cultural propondo novos códigos para entender gênero e subvertendo modelizações, apresentando novos textos de si a cada postagem. Oliver coloca as corporalidades em marcha acelerada.

Observa-se, também, que as explosões e subversões empreendidas por ele (enquanto transcorpo e enquanto texto corporal) podem vir a contribuir para um melhoramento da condição político-social das pessoas que, como ele, não estão conformes com o padrão hetero/cisnormativo ainda bastante expressivo na sociedade atual.

Diante disso, a saída que se vislumbra parece conduzir para a alternativa da subversão e da explosão, no intento de progredirmos na reconfiguração de sentidos de toda e qualquer ordem cultural compulsória que oprima, limite ou segregue.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Feminismo e identidade de gênero**: elementos para a construção da teoria transfeminista. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013

LÓTMAN, Iúri. **Cultura y explosión**: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. Barcelona: Gedisa, 1999

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica**: A Experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura. Cotia: Ateliê Editorial, 2003

RAMOS, Adriana Vaz; MELLO, Andrea; CAVALCANTTI, Carmem L. C. Semiosfera: Exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura. In: MACHADO, Irene, Org. **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007

ROSÁRIO, Nísia Martins do; AGUIAR, Lisiane M.. Implosão Midiática: corporalidades nas configurações de sentidos na linguagem. **Significação**, São Paulo, v. 41, n. 42, p.166-185, 2014. Semestral.